

Officina de composição
e impressão de
MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO
R. DE S. MARTINHO
Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR
Manuel Homem de C. Christo
Redacção e administração
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Numero 432

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 13500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantos tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

PRINCIPIOS

Nos capitulos XII e XIII pergunta Hervé: porque prégam as classes dirigentes ao povo o patriotismo?

Porque o patriotismo constitue para elles um interesse de primeira ordem, um interesse vital.

O patriotismo é precisamente o laço moral, quasi religioso, que une, em cada patria, os ricos aos pobres, os lobos aos cordeiros. Em todos os tempos e em todos os paizes os ricos, para quem a patria é mãe, sentiram, confusamente a necessidade de ligar por um laço moral e quasi mystico a massa dos desherdados á ordem de coisas de que só os ricos aproveitam. E' bom, é util, é indispensavel para as classes dirigentes que os povos que lhes estão escravizados tenham a convicção profunda de que os interesses dos ricos e dos pobres são, em cada paiz, intimamente solidarios; que os párias de cada patria considerem os compatriotas ricos que os exploram, não como inimigos, mas como amigos, e, em certas occasiões, como irmãos.

O patriotismo mascara, em cada nação, o antagonismo das classes, em proveito da classe dirigente.

Mas o patriotismo não é sómente, na hora actual, o apoio moral do capitalismo. Serve tambem de pretexto aos formidaveis exercitos permanentes, que são o apoio material, o ultimo baluarte, das classes privilegiadas.

O pretexto, o unico fim confessado e confessavel do exercito, é defender a patria contra o estrangeiro; mas uma vez revestido da libré de patria, o homem do povo, annullada n'elle a intelligencia, e a consciencia dos seus interesses, pelo automatismo da caserna, não é mais que um gendarme ao serviço dos seus exploradores contra os seus irmãos de miséria.

Na Russia, em S. Petersburgo, a 22 de janeiro de 1905, milhares de operarios e de operarias avançavam em massas profundas, sem armas, n'uma attitude supplicante, para o palacio imperial, onde uma delegação devia humildemente apresentar ao czar as reivindicações do povo. O que reclamavam esses desgraçados?

Supplicavam ao czar que concedesse á nação russa o direito de nomear representantes que o ajudassem, a elle, a fazer leis, que fiscalissem os agentes do governo, que impedissem os grãos duques e funcionarios de roubar cynicamente os contribuintes, isto é, algumas d'aquellas garantias que na Europa civilisada as classes dirigentes, espontaneamente ou á força, concederam já aos seus subditos.

Em volta do palacio imperial, e em todos os pontos estrategicos da cidade, milhares de soldados estavam postados como outros tantos ferozes cães de guarda. Esses soldados eram, pela maior parte, filhos de camponeses, de operarios, de miseraveis funcionarios; reclamando um limite á exploração da nação russa pelos seus dirigentes, a multidão trabalhava, pois, por esses mesmos soldados, por seus paes, por suas mães, por seus irmãos.

aldea, que deixaram cobertos de lagrimas, a pretexto de defenderem o solo sagrado da Santa Russia.

Haviam apprendido desde a mais tenra idade que um soldado não pôde discutir as ordens que recebe; que deve á patria o sacrificio da sua vida e o da sua propria razão.

Na Russia, a patria encarnava-se então e encarna-se ainda n'um monarca que julga do seu interesse manter a nação russa sob o regimen do seu arbitrio e do arbitrio dos seus parentes, dos seus ministros, dos seus altos funcionarios.

O arbitro supremo, o senhor absoluto, deu uma ordem. E os camponeses e operarios russos disfarçados em soldados atiravam á queima roupa sobre a multidão desarmada, que acabava de reclamar uma pouca de liberdade e um pouco de bem-estar para todos os membros da nação russa, sem excepção dos soldados e de suas familias. Se amanhã, tendo voltado á vida civil, forem por sua vez pedir reformas, outros homens do povo, vestindo os mesmos uniformes militares que elles vestiam em 22 de janeiro, os fuzilarão, como, em nome do czar, em nome da santa Russia, elles tinham fuzilado seus irmãos.

E' a missão do exercito em todos os paizes.

Na Alemanha, onde, até aqui, bastava a policia para manter a ordem, o imperador Guilherme, sempre que tem occasião, repete o discurso que proferiu em Postdam ao principiar do seu reinado: «Sois meus, soldados. Pertenceis-me de corpo e alma. Não ha para vós senão um inimigo: é o meu inimigo. N'este tempo de tramas socialistas, pôde succeder que eu vos mande fazer fogo sobre vossos irmãos e vossos paes. Deus o não permita! Mas se tal acontecer, deveis obedecer sem murmurar.»

Na Italia, na Hespanha, paizes de monarchia parlamentar, as chacinhas de operarios ou de camponeses grévistas já não tem conta.

Em França, onde a patria já se não encarna n'um homem, onde a Republica é como que o governo anonymo da burguezia, o exercito nacional é empregado no mesmo mister de cão de guarda. Mas o patriotismo presta ainda um outro serviço ás classes dirigentes. Associa, de corpo e alma, cada povo aos seus senhores nos conflictos que estes podem ter com os senhores visinhos, conflictos de que podem resultar proveitos para os dirigentes, mas que redundam sempre em novas desgraças, em novos augmentos de impostos e de soffrimentos, sem compensações, para o rebanho dos dirigidos.

Houve tempo, na historia da humanidade, em que os povos tinham pessoalmente interesse em defender a patria dos ricos. Foi o tempo, já longinquo para os povos da Europa, em que todos os membros de cada agrupamento possuíam verdadeiramente um patrimonio commum. Na origem das sociedades humanas, quando a caça, primeiro, a criação de gado, depois, eram os unicos recursos das tribus, os nossos antepassados viveram n'um communismo grosseiro que, para muitos d'entre elles, só ter-

minou com a sua vida nomada e, algumas vezes, mesmo muito tempo depois do seu estabelecimento em terrenos agricolas; a tribu possuía territorios de caça ou de pastagens que disputava ás outras tribus; possuía rebanhos que excitavam a cobiça dos visinhos, e é evidente que todos, servos como chefes, tinham interesse em defender o patrimonio commum. A perda d'um rico terreno de caça, d'uma abundante pastagem, d'uma parte ou da totalidade do rebanho, attingia os servos como attingia os senhores. Se se pôde dar o nome de patriotismo ao sentimento que animava todos os membros da tribu em face dos appetites rivaes das outras tribus, esse patriotismo era razoavel, mesmo entre os mais humildes dos servos, porque lhes era proveitoso.

O interesse de cada um em defender o patrimonio commum era reforçado, alem d'isso, pelo instincto de conservação pessoal, n'uma idade de barbarie em que o prisioneiro de guerra, o estrangeiro, podia ser morto se cahia nas mãos dos brutos pertencentes a outros agrupamentos.

Mais tarde, quando as tribus humanas se prenderam ao solo, quando a propriedade individual da terra, desenvolvendo-se, dividiu cada cidade em ricos e em pobres, em patricios e em plebeus, podia haver ainda interesse para os plebeus em defender a cidade, lado a lado com os patricios, porque, na verdade, era grande o risco dos plebeus no caso da sua cidade ser vencida: podiam cair na escravidão. Não era raro os prisioneiros de guerra serem vendidos como escravos. Por mais pobre que fosse, o plebeu era um homem livre, gosando d'alguns direitos; o escravo não era mais que um animal, mais que uma coisa.

Mas desde que já se não comem os prisioneiros de guerra, desde que não são mortos, desde que já não são reduzidos á escravidão, as pessoas do povo não tem mais nenhum interesse em defender as patrias onde são párias. Só teriam esse interesse n'um caso extremamente raro na historia das sociedades modernas: se fizessem uma Revolução triumphante contra os seus dirigentes. Então, se a classe oppressora, para defender os seus privilegios ameaçados ou perdidos, chamasse em seu auxilio as classes dirigentes estrangeiras, então, mas só então, haveria interesse para os párias em repellar o estrangeiro.

Esse caso já se deu na historia da França moderna. Foi na epocha em que a burguezia, auxiliada pelo povo, fez a sua revolução contra os privilegios do antigo regimen. O novo regimen francez era muito superior a todos os regimens que existiam nos paizes visinhos.

Em volta da França vigorava o regimen absolutista, com o seu cortejo de privilegios. Em França cahia a Bastilha e o absolutismo real, cahia a grande propriedade ecclesiastica, uma parte da grande propriedade aristocratica, os dizimos, os censos, todos os antigos direitos feudaes ou senhoriaes; parecia que o velho mundo desabava, sem deixar signaes de si, e que das suas ruinas sahia uma sociedade nova, onde não existiria mais nenhum privilegio de nascimento nem de classe, onde se não veriam mais pessoas morrendo de fome ao

lado d'outras morrendo de indigestão.

N'essa hora unica d'esperança, qual era o homem do povo que não se levantasse para defender essa Revolução tão cheia de promessas? O patriotismo que inspirava os soldados do anno I não era um patriotismo mystico, porque já se apalpavam realidades, porque já se cultivava uma terra liberta de servidões pesadas ou embaraçosas, porque já se tinham adquirido algumas parcelas de bens nacionaes, porque já diminuam os impostos. Sabia-se que os nobres emigrados, se reentrassem victoriosos, começariam por restabelecer um regimen aborrecido, alem de enforcarem em todas as communas os chefes do movimento revolucionario.

Da mesma fôrma, no dia em que os proletarios d'uma das nações actuaes tiverem, por uma revolução victoriosa, posto a mão sobre os grandes instrumentos de trabalho usurpados hoje pela minoria capitalista, no dia em que elles se tornarem n'um paiz qualquer co-proprietarios d'uma immensa riqueza social, n'esse dia terão um patrimonio commum a defender, e, defendendo-o contra as classes capitalistas estrangeiras, defenderão um regimen social verdadeiramente superior.

Mas, fóra d'esses casos de revolução, que são casos excepçionaes, a classe dos desherdados não tem absolutamente nenhum interesse em defender a patria, porque todos os paizes tem pouco mais ou menos o mesmo regimen, ainda que sob etiquetas diferentes.

Assim continúa falando Hervé. Diz paradoxos? Diz, pois que afirma opiniões contrarias á opinião commum. Mas isso não quer dizer que seja falsa a sua opinião e verdadeira a opinião commum.

Dizer ou não dizer paradoxos é o menos. O que importa é dizer verdades. Ora pôde ser que cheguemos, e chegamos, a encontrar em erro o famoso agitador antimilitarista. Mas por ora só continúa dizendo verdades como puchos.

XAVIER DA SILVA

Falleceu em Lisboa, na terça-feira ultima, este velho e leal servidor da democracia portugueza. Xavier da Silva foi, sob todos os pontos de vista, uma das figuras mais caracteristicas de Lisboa. Rico, intelligente, culto, de porte distincto e rosto altamente insinuante, a sua convivencia foi procurada e desejada por meia Lisboa, ha vinte e cinco annos para traz.

Teve muitos meritos, esse homem. O maior d'elles foi dedicar-se com amor á propaganda dos mais largos ideaes de justiça, nos tempos em que era quasi um crime pensar em TOLICES d'essa ordem. E quando tantos renegam ou fraquejam a cada passo, Xavier da Silva persistiu o mesmo até á morte.

Porque Xavier da Silva não foi simplesmente republicano, n'uma epocha em que os republicanos se apontavam a dedo em Portugal. Foi positivista, foi depois materialista, partidario dos mais avançados principios politicos, em philosophia, em religião. E ao serviço d'esses principios, poz muitas vezes a sua actividade, a sua intelligencia e a sua bolsa.

Xavier da Silva, sem ter propriamente grupo na politica democratica, foi, no entanto, especialmente afeiçoado ao grupo Carrilho Videira, na epocha em que Theophilo Braga, Teixeira Bastos e outros faziam parte de esse grupo. Todos foram abandonando e retirando a sua amizade ao irrequieto luctador da rua do Arsenal. Xavier da Silva permaneceu sempre amigo de Carrilho Videira até aos ultimos momentos d'este sincero democratica, sem se perturbar com as calumnias com que os ciganos da republica perseguiram o desgraçado. E d'essa forma prestou relevantes serviços á causa democratica, embora desconhecidos, pois com o seu dinheiro auxiliou algumas vezes não só a edição de magnificos trabalhos de propaganda, sahidos da *litteraria editora internacional*, como o proprio editor.

Foi candidato a deputado republicano por Lisboa n'uma das primeiras vezes em que os republicanos da capital disputaram os suffragios. Foi socio fundador do Centro Republicano de Lisboa e do Centro Republicano Federal. Auxiliou a fundação do *Commercio de Portugal*, que teve caracter democratico quando dirigido pelo sr. Magalhães Lima, e auxiliou tambem, depois, a fundação do *Seculo*. Foi socio fundador da primeira *Associação de Livres Pensadores* que houve em Portugal. Como foi socio fundador da *Liga da Paz*, que, nos ultimos annos de vida, lhe mereceu especial amor.

Confirmou com os actos as suas palavras. Assim, sendo casado com uma senhora da mais alta burguezia de Lisboa, filha do banqueiro Gonçalves Franco, figura dominante, no seu tempo, na alta banca de Lisboa, irmão do marquez de Franco e do visconde de Falcarréiro, não hesitou em a fazer enterrar civilmente, em 1882. Um dos grandes escandalos da capital, n'essa epocha. Foi em 3 de dezembro de 1882. Devia realizar-se n'esse dia um comicio republicano a fim de se discutir a questão do Congo e da Nuniattira. O governo, a pretexto de se tratar d'uma questão internacional, dissolveu o comicio. Então o presidente, que era o sr. dr. Jacintho Nunes, convidou o povo, que assistiu ao co-

DETERMINISMO E RESPONSABILIDADE

Carta Aberta ao Eduardo Medeiros Antunes

Dizem-me de Coimbra que tu, em virtude duma falsa concepção da doutrina filosófica a que se chama *determinismo*, e da qual tens uma vaga idéa, procedes por vezes pouco corretamente, chegando a desgostar os teus amigos, e te justificas dizendo-te *determinado e irresponsável*.

Ora, meu caro amigo, o exagero leva sempre ao absurdo. Para ser justo, é preciso ser refletido. Eu, que sei quanto és inteligente e bom, não me furto a dirigir-te algumas linhas, dizendo, como sei, o que se me afigura de utilidade para ti.

Ouve, pois: Sendo o *determinismo* uma rigorosa conclusão científica perante a qual se vê obrigado a curvar a cerviz todo o velho clacissimo filosófico, e sendo essa conclusão—resultado da observação rigorosa dos fenómenos psicológicos—uma conquista da sciencia importantíssima para o progresso da humanidade, devemos prestar-lhe a máxima atenção, importando contudo não confundir nem baralhar.

O *determinismo* é a doutrina filosófica que se opõe ao *livre-arbitrio*, negando portanto a liberdade e implicando necessariamente a idéa de irresponsabilidade. O individuo é, segundo esta teoria, o joguete das condições individuais, condições sociais e cósmicas.

Desde que esta asserção está absolutamente demonstrada pela estatística, pela fisiologia e psicopatologia, desde que as sciencias biológicas anularam a idéa de *liberdade volitiva*, cáe por terra como pretensão idiota o *livre-arbitrio* dos metafísicos.

Estamos portanto reduzidos a considerar o homem como um autómato. Mas não um autómato como outra qualquer máquina, porque não conhecemos «algumas das causas d'atividade que o fazem atuar».

Como diz Hamon «este automatismo certo dos seres humanos não implica a exclusão da individualidade. Cada ser é um autómato diferente, porque reage diferentemente a todas as influencias do ambiente. Quanto mais os individuos se tornam complexos, graças á divisão do trabalho e á especialização dos órgãos e das funções, mais as individualidades se pronunciam. Com efeito, as reacções ás influencias mesológicas differenciam-se cada vez mais. Os autómatos tornam-se cada vez mais complexos e cada vez parecem menos autómatos».

Seria supinamente absurdo supôr que os homens se uniformisariam, fazendo desaparecer a differença entre as suas manifestações vitais. Dois individuos, sujeitos ás mesmas influencias sociais e mesológicas, apresentam irreconciliáveis divergencias entre os seus modos de agir. Isto depende então, é claro, das suas condições individuais, da hereditariedade, do meio que cercou os seus avós, numa palavra, das influencias ancestraes que sobre eles atuam. Porisso o *determinismo* não implica o automatismo grosseiro que pretendem os partidários da liberdade volitiva.

O *determinismo* é a verdade científica, e, como diz Helvetius, a verdade nunca páde ser nociva.

Mas tudo tem seus termos. Nem tudo ao mar nem tudo á terra. E' preciso que não façamos do *determinismo* tápa-misérias.

O *determinismo* não póde lançar-nos na inacção em que estão, impotentes para lutarmos com as forças que nos dominam. Dando-nos a consciencia de que somos ao mesmo tempo causa e effeito, que, sen-

do determinados, determinamos também, o *determinismo* serve-nos precisamente para irmos educando a vontade.

E' necessário que tenhamos nítida a consciencia do dever. E o dever será para nós um poderoso determinante. Fazeres toda a sorte de disparates, pretendendo depois a justificação: não extranhem que faça isto ou aquilo porque sou determinado, indica que tens o carácter viciado e a vontade deseducada. De todas as tuas conversas se exala um perfume de *fatalismo*. Isso é pessimo.

Como digo no principio desta carta, importa não confundir nem baralhar.

Determinismo e *fatalismo* são idéas muito diferentes. E' realmente verdade que durante muito tempo todas as doutrinas que contestavam a *liberdade volitiva* estavam reunidos sob o nome genérico de *fatalismo*. (1) Mas ha uma grande differença entre estas duas idéas, o *fatalismo* é essencialmente uma doutrina *metafísica* ou religiosa, e attribú todos os átos do homem a uma causa única e *sobrenatural*. Ao passo que o *determinismo* é uma doutrina *psicológica*, e attribú as manifestações vitais do homem ás causas multiplas e *naturaes* que acima te referi.

O *fatalismo* é a negação das leis da natureza, produz fatalmente a inacção e o abandono de nós mesmos, porque não nega propriamente a liberdade volitiva, mas sim o resultado pratico e útil dos nossos átos. Tudo quanto haja de suceder está já prescrito; forças humanas não poderão resistir ao ilimitado poder do sobre-natural. Conclúe-se portanto daí logicamente o que Leibnitz chamava *sofisma perguizoso*, «que é inutil agora.»

Mas, como deves saber, o *determinismo* não é nada disto. E' uma sciencia racionalista, resultado dos modernos estudos de psicologia experimental. Funda-se no principio da causalidade, na análise do áto voluntario, na estatística, na mecânica e nas relações do físico e do moral. E' uma doutrina formalmente oposta ao espiritalismo. Todas as causas determinantes do homem são susceptíveis de modificação. Transformando-se, por exemplo, o meio ambiente, transforma-se implicitamente o homem. A educação, uma pedagogia scientifica, tudo isso terá sobre nós influencia decisiva. Acabada a desigualdade das condições económicas, que é a grande causa guadosa do crime e do vicio, á humanidade sorrirá um melhor porvir e o homem modificar-se-ha completamente.

Portanto já vêes quanto são opostas as duas theorias. O *fatalismo* é uma doutrina espiritalista, que se apresenta sob duas formas principaes: théista e panthéista, encontrando-se entre os panthéistas os estoicos, Spinoza, etc.

O *determinismo* é uma doutrina *essencialmente materialista*.

Claro está que a consciencia universal desta verdade scientifica virá deitar por terra as bases da sociedade d'hoje. Deixaremos de aplicar o castigo impotente, e faremos desaparecer as causas para que cessem os effeitos.

Ficaste com uma idéa mais ou menos nítida do que é o *determinismo*? Deves estar esclarecido.

Mas para que vás educando a vontade, para que possas facilmente resistir ás forças atávicas que imperam sobre ti, como sobre todos nós, espantosamente, é preciso

que faças a toda a hora um estudo subjéctivo, analisando os teus próprios átos com cuidado, procurando as causas que te levaram a praticá-las, aprendendo a dominar-te para que proceda a razão, não obedecendo aos bêrros da tua impassividade egoista.

Precisas de fazer um curso para garantir a vida futura.

Por um lado, uma certa indolencia filha do teu temperamento, a péssima organização do ensino, a brutalidade dos professores, o pouco interesse que despertam em ti algumas das materias que estudas, a tua educação, a terrível influencia do meio, levam-te a não estudar. Doutra parte, a necessidade imperiosa de alcançar o mais depressa possível meios de vida, uma certa ambição, etc, emfim, a ponderação refletida das circunstancias em que te encontras, o dominio da intelligencia e da razão conduzem-te ao trabalho. Qual das forças é maior? Aí está o *determinismo*. Vence a mais poderosa.

Se não conhecesses o *determinismo*, havia desculpa porque não tinhas a intelligencia sufficientemente desenvolvida nem cultivada para fazer friamente esta análise subjéctiva.

Mas desde que tens um desenvolvimento intelectual relativamente grande e tens o espirito analítico, não trabalhando, mostras simplesmente que é fraca a tua intelligencia e fraquissimo o teu carácter. Aí estás sendo o joguete das condições mesológicas, sociais e individuais. Mas,—para continuar com este exemplo—compreendendo tu muito bem a necessidade que tens de trabalhar para ser útil, e tendo até um certo desejo de o ser, não fazes o minimo esforço para resistir ás forças que te levam a proceder inversamente.

Dizes com ar fatídico: não trabalho porque a isso sou determinado!

Olá, meu caro Medeiros, concorda que procedes deploravelmente! Se és inteligente, como eu julgo, pensa, reflete e age como deves.

N'estas palavras não ha veneno. Ha amizade, muita amizade e o desejo insofrido de te vêr feliz e útil.

Queremos-te a nosso lado, eu e todos os teus amigos de Lisboa que fazem suas as exortações que te dirijo. Queremos-te vêr um futuro *humanitário*, combatendo com ardor pelo advento da sociedade futura!

Lisboa—14—11—907.

Abraça-te o

HOMEM CHRISTO, Filho.

Theatro Aveirense

Na proxima quinta-feira vamos ahí ter um unico espectáculo, dado pela Companhia Dramatica Italiana *Italia Vitaliani*, subindo á scena o esplendido drama *A Dama das Cauellas*, que tão applaudido tem sido nos diferentes theatros da Europa.

E' de esperar uma casa á cunha, attendendo a que a companhia é de primeira ordem.

A Inglaterra arma-se

Dizem os jornaes de Londres que o Almirantado convidou seis casas de construcções maritimas a apresentarem as bases sobre as quaes se encarregariam da construcção d'um couraçado do novo typo *Saint Vincent*.

Esse couraçado deslocará 19:250 toneladas e terá uma velocidade de 21 nós. O seu armamento comprehenderá 10 canhões de 305 millímetros e numerosas peças de 100 millímetros.

Este couraçado é o terceiro do programma de 1907. Segundo as declarações feitas pelo governo inglez, este couraçado não deveria entrar nos estaleiros sem que se soubesse se a consciencia da Haya havia regeitado as propostas de limitação dos armamentos. Ora esta hypothese prevista realisou-se.

POSTAES DE AVEIRO

Primorosa colleção de 16 novos postaes, edição de Alberto Ferreira, Porto. A' venda em todas as casas de postaes. Depositario—Baptista Moreira. Casa Photographica—AVEIRO. Faz grande desconto aos revendedores.

LIVROS ANALYSANDO

FAUSTINO DA FONSECA

VIAGEM MARAVILHOSA

Romance historico.

Edição da Livraria Central de Gomes de Carvalho.

Prego, 500 réis.

Rua da Prata, 158, 160

LISBOA

Faustino da Fonseca é um nome de sobejo acreditado nas letras portuguezas. Tem enriquecido a litteratura nacional com excellentes volumes, alguns dos quaes são modelo de alta investigação historica a par d'uma inventiva que o tornam escriptor original na forma como por vezes conduz os entrecchos dos seus romances. Os seus ultimos livros *Os Bravos do Mindello* e *A Arvaia Miúda* testemunham quanto Faustino da Fonseca é honesto em seus processos. Não são obras feitas no ar, sem um plano preconcebido, sabidas para o prélo conforme a imaginação productora. Não senhor. São livros d'antemão pensados nas locubrções do erudito que é o seu auctor. Não ha nelles uma falsidade de exposição, um erro de facto historico. Tudo é tratado com um carinho, como a dizer-nos que a paternidade não quer os seus filhos mal olhados...

Eu conheço quase toda a obra de Faustino da Fonseca e, ju-to é dizer-se: o escriptor evolúe extraordinariamente. De livro para livro se observa quanto esforço empregado, quanta energia gasta em novas pesquisas. E ao passo que a forma toma novo brilho e despe de aristas da imperfeição antiga, o assumpto do livro é sempre tratado com amor de sociólogo. Dáduz-se do que fica dito que o espirito critico é em Faustino da Fonseca um manancial onde se encontram conhecimentos modernos. Dos seus ultimos livros, o que mais me agradeu foi *A Arvaia Miúda*. Para mim é, no genero, um romance d'alta valia. Haverá romantismo na exposição de um ou outro capitulo, não o nego. O que a verdade manda que se diga é que, como estudo das multidões, poucos auctores se poderão gabar de escrever obra tão humana.

A sua ultima produção é o romance historico: *Viagem Maravilhosa*. A acção passa-se no reinado de D. Manuel, a quando da partida de Vasco da Gama para a descoberta da India. O entreccho é simples, mas tratado com tal espirito analytico que a sua simplicidade quase desaparece para só attentarmos na constante preocupação do romancista em tornar um facto historico num alto ensinamento sociologico.

Ha na *Viagem Maravilhosa* um episodio amoroso que serve para cerzir o pensamento bárico do romance aos pequeninos e variados pontos de contacto com a idéa inicial. Assim a obra ficou com unidade—qualidade rara.

E' de todos sabida a lucta íntima que D. Manuel teve de travar consigo quando recebia ordens terminantes de Gastella, pela bocca da infanta D. Izabel por quem estava loucamente apaixonado. Esta infanta, creatura por completo fanatisada, vivendo só á custa das violentas commoções que os autos de fé lhe proporcionavam; em que a carne maldita dos judeus rechinava a cada chamma elevada, sabendo que em Portugal viviam em relativo socégo milhares de judeus, impôz a D. Manuel que só seria sua esposa, se os expulsasse do paiz.

D. Manuel que jámais lhes ligára attenção, viu-se obrigado a attentar no caso. Os judeus não lhe inspiravam ódio, mas assuoberbado pela paixão, decretou a expulsão d'aquelles que não quizessem baptisar-se, ficando os outros protegidos (?) pela religião christã. Escusado é dizer-se que uma poderosa maioria partiu barra fóra, abocanhando assim a religião de Estado.

Um christão, Ayres Vaz, pagem de El-rei enamorou-se dos encantos naturaes da judia Rachel. Ouvindo o que se preparava de ardiloso temen pela vida da sua amada, correu a sua casa a preveni-la do que se tramava no paço, e, que de tal'avisasse seu tio, mestre Jacob Budente, judeu velho e de estimação entre os seus. Mestre Jacob apanha os dois enamorados em conversa compromettedora para o fanatismo das duas religiões, bem contrarias, embora o christianismo houvesse atrofiado as glandulas mamárias da religião judaica! Rachel arreceia-se pelo amor de Ayres Vaz e pela coiera de seu tio que decerto expludirá ao sabê-la amada por um contrario e afeito a hypocrisias reaes. Um dia, porque um frade paupérrimo de estomago e debilitado de cerebro, provoque baralha á porta de Rachel, Ayres Vaz que para casa da judia se encaminhava, deu a tempo pelo alarido já bem acirrado pela inconsciente raiva da plébe ignorante e fanatisada, abriu espaço á força de espada e, conseguindo transpôr os hombraes da porta a custo, mas com pulso rijo, fez que a multidão para longe fosse nivar toda a sua falsa educação. Rachel estava saiva e o pacto ficou sellado num beijo de casta benemerencia.

Ayres Vaz foi denunciado pelos ventruídos frades que atapatavam os pés d'El-rei. Se não fosse a protecção do palaciano, Diogo de Montarroio, era ho-

mício, a associar-se á outra manifestação democratica d'esse dia, o enterro civil da esposa de Xavier da Silva. E milhares de *maltrapilhos* se encorporaram no prestito funebre.

Se a alta burguezia já não perdoava a Xavier da Silva o ser leiter assiduo de Comte, de Spencer, de Maudsley, de Buckner, Haecckel e outros, um escandalo quando praticado por um negociante, menos lhe perdoou o ter enterrado uma senhora da esta burguezia civilmente, com a circumstancia aggravante de a fazer acompanhar ao cemitério por *maltrapilhos*.

A alta burguezia deu urros. E o facto é que d'ahí resultaram varios dissabores para Xavier da Silva.

Fizesse elle, que era, afinal, uma figura modesta, embora de alto relevo moral e intellectual, no partido republicano, o que fazem hoje os chefes d'esse partido, jornalistas, deputados, tribunos, etc., e já não soffreria dissabores nem prejuizos nenhuns!

Não o fez, e andou bem. Não só não o fez como nunca se arrependeu de o ter feito. E embora não se envolvesse nos ultimos annos na politica republicana, que via dirigida por mediocridades e apostatas que no seu tempo não haveriam conseguido dominar, nunca arrefeceu na sua fé, e morreu republicano radical, livre pensador, partidario das mais avançadas doutrinas philosophicas como o havia sido toda a vida.

E assim se comprehende como os jornaliqueiros republicanos da actualidade, que de anarchistas passaram a conservadores, que dizendo-se livres pensadores recorrem á Igreja para todos os actos da sua vida, incoherentes, versateis, mediocres, se limitaram a noticiar em duas linhas a morte d'esse homem, que nunca commetteu uma deserção, que nunca apostatou, que nunca teve uma tibieza, mais intelligente, mais culto, e com serviços mais reaes á democracia portugueza que elles todos.

Vamos lá: os mariolas de vez em quando teem d'estas coherencias. Seria mais uma hypocrisia ultrajar com elogios um democrata que nunca faltou aos preceitos da democracia.

Os mariolas d'esta vez teem direito, e elles ahí ficam, aos nossos applausos.

Xavier da Silva, pae do sr. Xavier da Silva Junior, estudante do quinto anno de direito na Universidade de Coimbra, e dos mais considerados n'aquelle estabelecimento scientifico, era sogro do sr. Homem Christo.

Expedição ao polo sul

O tenente Shackleton, chefe da expedição antarctica ingleza, partiu de Londres para Marselha, onde embarcará com destino á Nova Zelandia.

Shackleton conta chegar, em 12 de dezembro proximo, a Lyttelton (Nova Zelandia), onde embarcará no navio expedicionario *Nimrod*.

Este navio partirá no primeiro de janeiro para o Antartico. No fim do mez espera chegar á estação de invernação.

Uma vez desembarcadas as provisões e construidas as habitações, o *Nimrod* voltará a partir para a Nova Zelandia, aonde chegará nos fins do proximo mez de março.

Nos meados de dezembro do anno proximo, o *Nimrod* partirá de novo para o Antartico, esperando os membros da expedição reentrar no mez de março de 1909 na Nova Zelandia depois de terem concluido os seus trabalhos nas regiões polares do sul.

(1) Curso Elementare de Philosophie, por Emile Boirac.

mem perdido. Assim como dentro em breves dias, Vasco da Gama iria mandar...

Quando Rachel o soube, o coração quasi se lhe ia em sacudidas de dor. Agora maior era o seu sofrimento...

Chegou o dia da partida da grande esquadra. O que foi esse espectacular quadro, di-lo Faustino da Fonseca...

Rachel, não faltou. Lá estava. O rosto envolto no manto. Momentos antes estivera na ermida do Restello a ver se via o seu bem amado...

Tudo estava no caos. El-rei D. Manuel chegara em meio de brilhante séquito. E Rachel correu a ver os ultimos esforços para desprender as amarras...

O praso para o baptismo dos judeus que se quizessem converter ao christianismo estava prestes a findar. Rachel fidelissima ao seu amor...

Estava sózinha no templo enorme. Era um grão d'areia no meio d'aquelle montão de pedras seculares. Estava baptisada! Podia á vontade sahir á rua...

Correu logo em busca da sua noiva, (agora diga o auctor as palavras com que o livro fecha): «A judia que, desde o roubo das creanças, vira sob o poetico paganismo da religião portugueza...

Já sem o supersticioso receio em que se crera excomungado, perguntou-lhe o pagem: «Agora crês na religião christã, ou ainda comungas na heresia de Moysés?»

Correspondendo-lhe aos beijos, na confiança de que nada os poderia separar, ella murmurou: «Nem n'uma, nem n'outra! Só longe d'ambos poderemos crer no nosso amor!»

E assim acaba o romance Viagem Maravilhosa. Tem outros capitulos deversos interessantes por bem observados. Basta o que descreve um auto de fé na Praça Maior de S. Vitha...

Depois de uma grande temporada de mar ruim, no ensejo favoravel da penultima semana saíram todas as embarcações que ali se achavam ancoradas...

Em lastro só saiu a chalupa Atlantic, que se emprega no transporte de petroleo da Colonial Oil Company.

Que o auctor da Viagem Maravilhosa nos dê em breve outro livro é o meu maior desejo.

A edição da casa Gomes de Carvalho é simples, sendo, por isso mesmo, esthetica a confecção do volume.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

Movimento marítimo

Depois de uma grande temporada de mar ruim, no ensejo favoravel da penultima semana saíram todas as embarcações que ali se achavam ancoradas...

OPINIÕES

A GUERRA E O MILITARISMO

Actualmente, em pleno seculo XX, quando a humanidade depois duma lucta ardua e difficil onde pereceram milhares de victimas...

Sabido e demonstrado como está pela experiencia que a guerra é uma carnificina monstruosa, que só serve para num dado momento serem mortos duma maneira repugnante...

Acabada a ideia da ambição, reinando a paz e o amor dentro de cada nação, seria posta de parte a guerra; e posta de parte a guerra acabar-se-ia com o militarismo unico...

Ignorante e estúpido as mais das vezes, o militar, acostumado e afeiçoado á aldeia natal onde elle tem presa toda a sua alma com um amor de pae ou mãe, de esposa ou noiva...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

rias, com o fim unico e exclusivo de punir o criminoso e de o regenerar pelo castigo? Portanto nova incoherencia tão lamentavel como a primeira. Se por um lado se criam penitenciarías com o fim unico de regenerar o criminoso...

Com effeito, que repugnancia terá amanhã um cidadão vindo da guerra, em matar, roubar, quando elle lá o praticava a todo o momento? Por estes e outros motivos a guerra não tem razão alguma de existir...

Eu considero a guerra como um duello em ponto grande; os duellistas são representados pelos dois inimigos e os padrinhos representados pelas outras nações, que, tomando o partido dum ou doutro, esperam ansiosas o desenlace fatal...

Mas hoje, no momento actual, em que as nações divididas pelas fronteiras não devem correr o risco de ser atacadas, e que só se explica com uma ambição vergonhosa e revoltante da parte da que ataca...

Acabada a ideia da ambição, reinando a paz e o amor dentro de cada nação, seria posta de parte a guerra; e posta de parte a guerra acabar-se-ia com o militarismo unico...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

Entrega-se geralmente á ociosidade que é sem duvida um dos peores vicios, enquanto lá na sua aldeia, da qual se lembra com uma saudade inextinguivel, estão por cultivar os campos...

O que acontece entre nós, acontece em toda a parte. Ali se vê em poucas palavras o que é o exercito, o que elle faz e o seu fim. Quando se não entrega á ociosidade, mata, rouba e incendia numa loucura feroz.

Portanto eu, compartilhando a este respeito das ideias dos grandes sábios como Leão Telstoy, Kropotkine, Hamon, Guy de Maupassant e tantos outros, odeio a guerra por que ella não é mais do que um instrumento anti-humanitario...

Torna-se necessario é urgente que a capitania d'este porto mande fiscalisar com rigor a apanha do birbigão, que é, sem nenhuma duvida, o mais abundante producto de uma limitada zona da nossa ria.

Quem vive longe d'essa zona não calcula as espantosas quantidades d'esse marisco que todos os dias são extraídas na pequena area onde elle se cria...

Apanha do birbigão

E' de tendencias liberaes e trabalha para alcançar a reforma do ensino, adaptando-a ao systema etropen. Outro diario Cehliatsch, mostrou ha poucos annos tendencias radicalistas...

Se os jornaes politicos não conseguiram crear raizes na Persia, em compensação as publicações destinadas á inserção de romances, poesias, etc., merecem a graça do publico; têm grande acceitação até entre as mulheres e são recebidos com benevolencia nos centros governamentais.

Fora da Persia, na India e no Egypto, publicam-se alguns jornaes persas; n'estes paizes usufruem mais ampla liberdade por estarem sob a influencia ingleza.

Parece que o poeta Omar Hajama é o mais distincto publicista persa, ainda que nenhuma obra sua demostre um génio excepcional, quanto mais não seja para nós, occidentaes.

Quasi poderíamos dizer que a imprensa se achava ali em estado de embryão, e as poucas machinas de imprimir que se usam são inglezas ou allemãs e de systemas sédigos.

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

LISBOA

Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I. 102-104. Tabacaria Filismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havaneza de Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6. Tabacaria Inglesa, Praça do Duque da Terceira, 18. Antonio Fernandes, R. Nova do Almada, 46. Kiosque Elegante, Rocio.

ALCOBAÇA

Antonio Vazão.

COIMBRA

Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

THEATRO AVEIRENSE

Quinta-feira, 21 de novembro

Grande Companhia Dramatica Italiana, de que fazem parte a eminente actriz Italia Vitaliani

Celebridade artistica consagrada nos primeiros palcos da Europa; e os notaveis actores Carlo Dure e Riccardo Volentino

UNICA representação do emocionante drama de A. Dumas

A DAMA DAS GÂMELIAS

Assombroso trabalho da insigne

ITALIA VITALIANI

Para este spectaculo marcam-se já logares no estabelecimento do sr. Ricardo Pereira Campos.

Artigos photographicos.

POR PREÇOS MODICOS, Vendem-se Felix, Filhos

AVEIRO

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas secas, chourissos do Alentejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.*

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUTPYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA - SANGALHOS

MACHINAS "PFAFF,"

— E —

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclette e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem a seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua) uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclette e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclette. Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte se primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offercem.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.

MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES

DE

Antonio da Costa Junior

Fabricante e fornecedor de adôbos na qualidade de areia agria e macia, e contraria ás saulhas. Adôbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO — PREZA

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinha, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que temo de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gossasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolven tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afin de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontram-se ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Feltios quasi de graça só na

Officina de alfaiate

DO

ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Cobrança

de pequenas dividas

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas. Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis. Os exemplares serão promptamente remettidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A' venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

Especialidade em cartões de visita

POVO DE AVEIRO

TYPOGRAPHIA

— DO —

FABRICA DOS SANTOS MÁRTYRES

DE

CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.^a

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeicoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO — R. DA ALFANDEGA

AVEIRO

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—*Cartilha Maternal* ou *Arte de Leitura*—18.^a ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album*, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5\$000
- Quadros Parletaes*, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões 6\$000
- Segunda parte—*Os Deveres dos Filhos*—1.^a ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Gua prático e theórico da Cartilha Maternal*—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripita*—cada caderno, 30
- Livros de polémica sobre o Methodo**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado* 500
- A Cartilha Maternal e a Critica* 500
- Do mesmo auctor:

LITTERATURA

- Campo de Flôres*—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed., (esgotado), 700
- Prosas*—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripita.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ETABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO